

ENERGIA

Modernização da conta de luz deve vigorar já em 2027. Consumidores poderão escolher o modelo de cobrança de sua fatura entre taxas fixas e pré-pagas

Distribuidoras testam novos planos tarifários

» RAFAELA GONÇALVES

Rio de Janeiro - O modelo de fatura para os consumidores de energia elétrica deve passar por uma verdadeira revolução nos próximos anos. Habitados a receber e pagar mensalmente as contas de luz conforme o consumo registrado nos medidores instalados nas residências, os clientes terão a oportunidade de escolher o seu modelo de cobrança, com opções entre tarifas fixas, por demanda e horário, e até mesmo pré-pagas.

As distribuidoras de energia iniciaram, em novembro do ano passado, testes de novos planos de tarifas, com o objetivo de trazer mais flexibilidade e economia a diferentes perfis de consumidores. O sandbox tarifário será repassado para a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) e a expectativa é de que em 2027 os consumidores já possam escolher o modelo de cobrança da sua tarifa de energia.

Em conversa com o **Correio**, o gerente de Planejamento e Inteligência de Mercado da Associação Brasileira de Distribuidores de Energia Elétrica (Abradee), Lindemberg Reis, deu detalhes sobre o cronograma de testes, que deve ser implementado até o fim deste semestre.

“Ao todo, são nove projetos, bem distintos entre si. Você tem desde modalidades mais simples, como, tarifa fixa, que está sendo testada, que será testada em algumas concessões do grupo Energisa”, explicou o gerente, que afirmou que os consumidores passarão a experimentar um modelo parecido com os da telecomunicações, que teve abertura de mercado em 1997. “Eu acredito muito que teremos um menu de opções tarifárias”, disse.

O projeto da Energisa prevê, por exemplo, uma tarifa apurada em períodos de três, seis e nove meses. “Se o consumidor pagar a mais, ele terá crédito. Se pagar a menos, terá que efetuar o pagamento e calibrar o consumo. Esse é um tipo de

Divulgação/ Abradee



Segundo Lindemberg Reis, são nove projetos testados, com diferentes modelos de cobrança

experimento”, destacou.

O grupo controla 11 distribuidoras, localizadas nos estados de Minas Gerais, Paraíba, Sergipe, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Paraná, São Paulo, Rondônia e Acre. Esses projetos piloto estão sendo tocados em três concessões, na Sul-Sudeste, no Tocantins e na Paraíba.

Multipartes

A distribuidora paranaense Copel deve ativar seu primeiro sandbox tarifário em maio, focado em tarifas multipartes — fixa, por demanda e horário. Os testes consideram a variação de custo ao longo do dia, com o consumidor podendo economizar nos horários de baixa demanda, quando os custos são menores.

O segundo teste da distribuidora paranaense deve começar em julho e tem como objetivo estimular o abastecimento de carros elétricos no período da madrugada. Nesse experimento, a empresa deve avaliar ainda a adoção da fatura digital.

Outro tipo de experimento, que já é muito conhecido na telecom, é o pré-pagamento. “Não existe pré-pagamento hoje de energia no Brasil. Mas isso vai possibilitar, por exemplo, que usuários de menor poder aquisitivo, principalmente, possam colocar créditos de acordo com seu poder aquisitivo”, contou Reis.

Segundo o gerente da Abradee, ainda em junho devem entrar em campo a tarifa tarifa flex, da Enel, que prevê que a conta de energia resulte de uma combinação entre consumo (75% do

valor), demanda (20%) e um indicador fixo (5%). No mesmo mês, também terá início os testes de três tipos de tarifas pela EDP, em uma amostra de consumidores de São Paulo.

A tarifa binômica é um modelo de cobrança de energia elétrica que separa o custo em duas partes: um fixo e outro variável, proporcional ao consumo de energia. Atualmente, ela é aplicada a consumidores de alta tensão, como indústrias e grandes comércios. Já a tarifa trinômica é um modelo tarifário de energia elétrica que cobra uma terceira componente fixa, além das outras duas da tarifa binômica. A parcela fixa é cobrada de todos os consumidores, independentemente da classe ou faixa de consumo.

Consumidor quer previsibilidade

Kayo Magalhães/CB/D.A Press

Um levantamento inédito, realizado pela Innovare Pesquisa, com apoio do Instituto Abradee, mostrou que o consumidor de energia preza por tarifas mais previsíveis. A apuração foi feita com base no projeto de PD&I Governança de Sandboxes Tarifários, que estuda a aplicação dos novos modelos para a conta de luz.

A pesquisa abordou alguns modelos tarifários: tarifa horária; dinâmica; pré-pagamento; tarifa com dois componentes; tarifa em três partes (com postos tarifários); e tarifa fixa. Os resultados mostram que o consumidor de energia reage melhor a modalidades tarifárias em que haja maior previsibilidade de gastos e até retorno financeiro.

Nesse sentido, a tarifa fixa, em que se tem um valor mensal pago independentemente do consumo, foi bem-avaliada nos três segmentos da pesquisa, uma vez que garante segurança em relação ao custo mensal.

A tarifa de pré-pagamento também teve boa aceitação entre consumidores que buscam controle de gastos, mas há ressalvas entre os usuários que enfrentam instabilidade financeira. Outros tipos de experimentos em curso, como as tarifas dinâmicas e de três partes, esbarram em problemas relacionados à clareza do funcionamento e aos hábitos de consumo da população.

Componentes

A pesquisa mostrou que o consumidor tem dificuldade de compreender os componentes da tarifa de energia elétrica. “O



A tarifa fixa, em que se tem um valor mensal pago independentemente do consumo, foi bem-avaliada

usuário não entende muito a tarifa de energia elétrica. Ele não sabe, por exemplo, que a tarifa de energia elétrica tem o componente para pagar geração, para pagar transmissão, para pagar distribuição, para pagar encargo, para pagar imposto. Imposto ele sabe, mas que há toda uma cadeia, sabe não”, avaliou o gerente de Planejamento da Abradee.

Por outro lado, o levantamento mostrou que as pessoas têm predisposição a compreender a conta de energia, desde que as informações sejam mais didáticas, claras e de fácil acesso. Além disso, os grupos de discussão evidenciaram que há otimismo

quanto à possibilidade de ter maior controle sobre os gastos e tarifas personalizadas.

“É uma iniciativa muito nobre. Quando a gente está falando de modernizar o setor elétrico, que é um setor tão tradicional para os usuários. Para o usuário, o setor elétrico é ter energia em casa, que chega por postes, fios e transformadores. Mas penso que já temos hoje condições de dizer que a sociedade precisa conhecer mais sobre a forma de tarifificar e faturar a energia elétrica”, afirmou Lindemberg Reis.

A expectativa é de que os resultados dos sandboxes tarifários promovam uma modernização na maneira como se

cobra pelo consumo de energia no país. A ideia é auxiliar a Aneel e as distribuidoras de energia a compreender as escolhas do consumidor de baixa tensão, nas categorias residencial, rural e Pessoa Jurídica (PJ). “Essa é uma das nossas missões também quando se fala em custo da energia. É uma frente que é super importante, porque à medida que o consumidor pode ter a previsibilidade de quanto ele vai gastar e de calibrar o seu consumo, esse custo pode ser mais justo”, acrescentou. (RG)

*A repórter viajou a convite do Fórum Brasileiro de Líderes em Energia Elétrica

Brasil S/A
por Antonio Machado



machado@cidadebiz.com.br

Prima-dona desafiada

Com mais jeito de ter sido rabisado num guardanapo que planejado com técnica e sabedoria, o tarifaço de Donald Trump tem diversas dimensões ainda pouco estudadas. A mais relevante é o furdunço na economia global. Difícilmente haverá volta ao status quo do livre comércio, modelado e supervisionado pelos EUA desde o pós-guerra.

Começou com Trump onerando em 20% as importações chinesas acima do que já era cobrado. Adicionou mais 34% no que chamou de “Dia da Libertação”, semana passada, quando anunciou tarifas de 10% para o mundo em geral (o nosso caso) e inventou uma cobrança à qual deu o nome de “tarifa recíproca”, pisando no pescoço de todos os países com superávits recorrentes na balança comercial com os EUA.

China revidou, taxando as compras dos EUA. E assim veio vindo: os EUA aumentaram a taxaço sobre produtos chineses para 125% e, na sequência, para 145%. Na sexta-feira, a China reagiu, elevando a sua oneração para 125%, e anunciou o óbvio: não elevará mais a tarifa, mesmo que Trump o faça, já que a este nível de taxaço não haverá mais comércio entre as duas maiores economias do mundo. Um piro!

A desconfiança gerada pela investida unilateral do governo Trump com a taxaço punitiva sem aliviar nem aliados fiéis que seguem os EUA desde as grandes guerras, como Inglaterra e Canadá, foi forte até para o pragmatismo nas relações diplomáticas — um raro espaço em que ainda se prezam o cavalheirismo e a palavra empenhada.

Outra dimensão é que saber ganhar dinheiro, bilhões de dólares na medida da fortuna dele mesmo e do primeiro escalão que trouxe para a Casa Branca, não significa saber formular política econômica nem governar uma nação. A soberba que costuma vir junto aos oligarcas enfiados na política, especialmente detentores de fortunas criadas com manobras esfumaçadas, os torna refratários a saber ouvir.

Antes da reação cada vez mais resoluta da China, além do Canadá e da Europa, Trump pausou a vigência da “tarifa recíproca” por 90 dias e ratificou que a cobrança de 10% será permanente para todos. O fez diante de um risco não dissolvido: o estouro dos mercados de ativos, como ações e papéis de dívida pública e privada, podendo desencadear uma crise do tamanho da Grande Depressão de 1929.

Esta história está se dando em tempo real e está longe do fim.

Sobre idiotices e loucuras

Outra dimensão da crise precipitada por Trump pela sua obsessão nas tarifas contra a desindustrialização e os déficits comerciais e fiscais crônicos dos EUA, o que explicita desde 1990, é o trade off entre a iniciativa de realmente fazer o que promete — atributo valorizado pelo eleitor e o voluntarismo ao fazê-lo — um evento temerário pelo risco das consequências indesejadas.

Precipitação é um mal que acomete todas as ideologias e diz mais à formação e psicologia de quem detém poder que à sua preferência política. Equivale nos EUA a julgar que seu poder seja inabalável e inquestionável no mundo dividido, com o poder emergente da China.

Equivale também ao populismo fiscal na América Latina, em geral justificado pelo viés moral do combate à pobreza por meio de transferências permanentes de renda em detrimento do investimento. É como descreve o economista Ricardo Hausmann, venezuelano que viveu a decadência do país antes de migrar para os EUA e se destacar como especialista em desenvolvimento em Harvard: “Há uma razão pela qual as principais decisões públicas precisam ser discutidas por subcomitês, depois por comitês, depois por toda as câmaras. E [só] depois pelo presidente. É um sistema destinado a evitar a idiotice e a loucura do ‘Dia da Libertação’, o pior erro econômico de todos os tempos.”

Tal prescrição teria evitado que o ministro das Minas e Energia, Alexandre Silveira, anunciasse aparentemente sem consultar ninguém a extensão para 60 milhões de brasileiros da gratuidade da conta de energia, que já beneficia 17,4 milhões de famílias. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse que nem ele nem o chefe da Casa Civil, Rui Costa, conhecem estudos neste sentido. Com a sangria do orçamento federal, apesar do avanço recorde da receita tributária, além dos juros colossais, há coisas que nem podem ser cogitadas.

Mundo do G2 está no comando

Se já dizíamos que os avanços tecnológicos, tornando obsoletos o modo de produção de setores inteiros, mereciam maior atenção de quem se espera conhecimento e preparo para zelar pelo presente e o futuro do país, a revolução tarifária de Trump não dá margem para postergar as transformações que a maioria dos países já adotou.

Não ajuda ficar procurando benefícios nesse choque de titãs. Falam que o país ocupará o espaço dos grãos e das proteínas que a China deixará de comprar dos EUA, como se a produção de lá fosse queimada, milho será consumido como pipoca, o gado, abatido a tiros no pasto. Vão procurar outros mercados, aqui mesmo, com o ajuste se dando pela derrubada do preço. Com petróleo será igual.

A ameaça de recessão sincronizada no mundo derrubou os preços do petróleo para em torno de US\$ 60/barril, nível que inviabiliza a extração de xisto nos EUA, hoje maior produtor mundial de óleo e gás com mais de 13 milhões de barris/dia, e leva Arábia Saudita à falência, junto com Rússia, Irã, e dificulta a exploração da nova jazida da Petrobras na Margem Equatorial. Mas a China agradece...

A verdade é que não há mais espaço para as vontades imperiais no mundo, o que também não significa a vitória do multilateralismo, é a expectativa de membros do Brics menos dados ao pragmatismo. É mais lícito supor que o mundo do G2, de EUA e China, esteja no comando.

A China tem seus problemas, como os EUA também os têm, mas a vantagem da escala os favorece. E poderá favorecer quem mais a viabilize.

Construir escala é a solução

Estudo publicado na Foreign Affairs propõe aos EUA buscar aliança em condições igualitárias com Austrália, Canadá, Índia, Coreia do Sul, Japão, México, Nova Zelândia e União Europeia. Formando uma economia combinada de US\$ 60 trilhões, contra US\$ 18 tri da China — o triplo ao câmbio de mercado é mais que o dobro ajustado pelo poder de compra. Seria metade de toda a manufatura global (China tem um terço) e a tiraria da condição de principal parceiro comercial de 120 países, inclusive Brasil.

Mercado com potencial de consumo de massa no mundo, a rigor, só existe hoje o nosso. Mas tem que priorizar a oferta, não o consumo carreado às importações de bens e, sem aumento dos investimentos na indústria e em infraestrutura, acabar corroído pela inflação.

Essa é a prioridade que se impõe, malgrado os planos econômicos para satisfazer anseios eleitorais, não a redenção da pobreza e o progresso contínuo. O sacolejo de Trump reintroduziu tal questão.